



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

A PERSONAGEM RITA: UMA LEITURA DA REPRESENTAÇÃO FEMININA NO ROMANCE *RITA NO POMAR* DE RINALDO DE FERNANDES

Ademária Sales Oliveira ALMEIDA

Universidade Federal de Campina Grande
a_demariasales@hotmail.com

RESUMO

A nossa pesquisa objetiva estudar a representação ficcional da personagem feminina Rita no romance *Rita no Pomar* (2008) de Rinaldo de Fernandes dando destaque ao modo como a personagem feminina é construída no romance, visando o modelo representativo expresso por ela. Desta forma, será levado em consideração o contexto histórico da mulher na sociedade e na literatura, bem como aspectos peculiares da representação feminina. Assim, o presente artigo busca mostrar que a representação das mulheres na literatura pode ser confortavelmente desenvolvida por um autor. Para tal, nos baseamos em Beauvoir (1967), Chartier (1990), Dalcastagne (2008), Rago (2004), Zolin (2010), Zolin (2009), Schwantes (2006). Embasados nas teorias dos autores citados, analisamos o romance, fixando na personagem feminina e particularmente em alguns aspectos e observamos que o autor é capaz de representar com pertinência a condição feminina, pois o escritor é acima de tudo um criador, que se utiliza das palavras para reproduzir uma realidade ou ficcionalizar seus pensamentos.

Palavras-chave: Rinaldo de Fernandes. Personagem. Representação feminina.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Chartier (1990) conceitua representação como um “instrumento de um conhecimento mediato que faz ver o objeto ausente através da sua substituição por uma imagem capaz de o reconstituir em memória e de figurar tal como ele é” (CHARTIER, 1990, p.20). Se representar consiste em dar visibilidade ao outro, falar em nome dos grupos oprimidos enquanto estes são silenciados, estabelece assim, uma relação de poder e dominação, pois quem fala exerce um certo poder sobre o discurso. No entanto, isso vem mudando aos poucos, pois a mulher tem



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

ganhado espaço, tanto na sociedade como na literatura e o que se percebe é uma tentativa da literatura em afastar da representação feminina a concepção de inferioridade e isso não acontece apenas quando a mulher é autora, mas também quando o homem é autor. Levando em consideração esse contexto, o escritor Rinaldo de Fernandes é uma possibilidade para ser estudado.

Após conhecer o romance, resolvemos estudar a Representação Feminina na obra *Rita no Pomar* (2008) de Rinaldo Fernandes. E a respeito desta obra, nos indagamos: Rinaldo de Fernandes consegue representar a mulher no livro *Rita no Pomar* (2008) através da personagem Rita? Para alcançar a resposta para tal problemática temos como objetivo geral: estudar a representação ficcional da personagem feminina Rita no romance *Rita no Pomar* (2008) de Rinaldo de Fernandes.

Este trabalho justifica-se pois, na contemporaneidade os estudos sobre a representação da mulher na escrita pelo homem ainda carecem de uma abordagem profunda, levando em consideração que o ser masculino também pode representar a mulher respeitando o ideal de igualdade. Percebe-se que a Crítica Feminista põe em evidência a literatura de mulheres quando esta é escrita por mulheres e desconsidera a produção do homem quando este trata da mulher em suas obras, pois se acredita ainda que o homem só se refere à figura feminina atribuindo-lhe condições patriarcais. Levando em consideração a premissa citada, acreditamos que ainda necessita de uma abordagem que dê conta das multiplicidades de indagações acerca disso, portanto estudaremos a obra citada, já que se trata de um escritor. Outro ponto que nos faz analisar esta obra é o fato que a personagem feminina é uma das peculiaridades do livro e também da estética do escritor, pois é recorrente e os estudos ainda são poucos que levam em consideração seu estilo e suas especificidades literárias.

A metodologia adotada caracteriza-se como sendo de natureza bibliográfica e analítica, pois, pauta-se na seleção e organização de referências bibliográficas através de leituras, discussões e anotações, como também, análises interpretativas da obra.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

2 REPRESENTAÇÃO FEMININA

Quanto à representação da mulher através da literatura, podemos traçar caminhos diferentes a respeito da caracterização e compreensão desta ao longo da história humana, tendo em vista os diferentes modelos de criações artísticas e distintos autores. Como também, cada povo, época e movimento histórico delineiam como essa figura foi percebida, criada e configurada nas páginas da literatura.

Levando em conta a relação entre literatura e o contexto de produção, a representação feminina na ficção surge da união entre duas esferas, a confluência da ação individual (autor) e as condições sociais. Sendo a individualidade e a coletividade “indissolavelmente ligadas” (CANDIDO, 2000, p. 26) É por isso que pensar o termo representação dentro da literatura exige uma abordagem que investigue as relações de poder.

Pensando assim, a representação está atrelada aos diferentes grupos sociais e segundo Chartier (1990) “as representações do mundo social, assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam.” (p. 17) Desta forma, pensar em representação implica analisar as reproduções feitas a partir da individualidade que conseqüentemente reflete nos diferentes grupos que são reflexos dos indivíduos que os criam.

Pensando na importância dos estudos literários, a representação tem ganhado espaço considerável, pois leva em consideração a relação estreita que há entre texto e contexto. Zolin (2010), afirma que o conceito de representação pode apontar para várias significações, assim cita: “entre elas, para o ato de fazer as vozes da realidade representada; ou para o de tornar uma realidade visível, exibindo-lhe a presença” (ZOLIN, 2010 p,184). Sendo assim, a linguagem é uma ferramenta importante.

Schwantes (2006), chama atenção para essa questão, quando evidencia a linguagem como um espaço de existência em que homem e mulheres podem se representar igualmente, uma vez que as línguas contêm palavras necessárias para expressar o que até então não era notado:



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

creio que a linguagem, nosso espaço de existência, pode ser moldada para expressar uma experiência inexistente previamente, ou recusada. Aliás, creio mesmo que criar esse espaço de expressão é tarefa de mulheres e homens engajados na construção de um mundo mais igualitário, em questões de gênero inclusive. (Schwantes, 2006, p. 8)

Dentro deste contexto de igualdade, a representação surge a fim de dar visibilidade aos grupos ausente de atenção, uma vez que prioriza os marginalizados, pois são eles que precisam ser vistos socialmente, independentemente da sua situação individual ou do grupo ao qual pertence.

Então, o ato de representar pode tornar visível uma realidade por meio de imagens que se constrói em memória, assim como Chartier (1990) afirma: “a representação é instrumento de um conhecimento mediato que faz ver o objeto ausente através da sua substituição por uma imagem capaz de o reconstituir em memória e de o figurar tal como ele é” (p.20). Desta forma, a representação em obras literárias contemporâneas ganha novas perspectivas, pois transcendem os modelos até então enfocados, em que as mulheres não ocupavam os primeiros planos.

Pensando assim, poder e dominação caminham interligados com a questão da representação, uma vez que representar consiste em tornar visível o outro, falar em nome dos oprimidos enquanto estes se encontram em situações de apagamento perante os reflexos sociais, mas quem fala domina e assim, ganha poder e isto durante bastante tempo foi perpetuado na literatura, quando o gênero dominante (o homem) escolhia e policiava o lugar da personagem feminina na narrativa.

A batalha para conquistar um lugar privilegiado continua, e assim, novos caminhos vão surgindo, pois a própria sociedade começa a mudar e junto com ela a mulher ganha nova visibilidade, seja na sociedade, seja na literatura, conseqüentemente a figura feminina ganha novos espaços e o que se percebe é a tentativa em afastar da literatura a concepção de inferioridade quando se trata de mulher. Isso não acontece apenas quando as mulheres são escritoras, mas também quando os escritores escrevem, pois estes também já cultivam a noção de igualdade, desmistificando o que perpetuou durante décadas na literatura, “personagens femininas tradicionalmente construídas como submissas, dependentes, econômica e psicologicamente do homem reduplicando o estereótipo patriarcal” (ZOLIN, 2009, p. 222).



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

A literatura em determinado período, especificamente o século XVIII, enfocava a mulher restringindo-a apenas ao espaço fechado, as atividades domésticas, ocupando atividades principais comuns a elas, como cuidar do lar e da família, perpetuando durante muito tempo nos romances a ideologia da domesticidade como atividade especificamente feminina.

Esse tipo de personagem está dentro do grupo que Simone de Beauvoir (1969) denomina de destino de mulher. São mulheres que se apresentam como mãe, boas esposas, mulheres exemplares que não saem do padrão exigido por uma sociedade determinista e Rago (2004) apresenta esse mesmo posicionamento afirmando que ser mulher nesta época “significava identificar-se com a maternidade e a esfera privada do lar, sonhar com um “bom partido” para um casamento indissolúvel e afeiçoar-se a atividades leves e delicadas, que exigissem pouco esforço físico e mental” (p.32).

Esse modelo de representação feminina está encaixado no grupo das mulheres “padrão”, pois não fogem as normas da boa conduta. O outro é o das mulheres “transgressoras”, estas na sociedade e na Literatura sempre pagam um preço alto em virtude de seu comportamento que foge à norma, mas que escolheram para si. “Ser mulher, no século XXI, deixou de implicar necessariamente gravidez e parto, o que traduz uma enorme ruptura com a ideologia da domesticidade” (RAGO, 2004, p.33).

3 RITA: UM MODELO REPRESENTATIVO

Rinaldo atribui voz feminina a sua narrativa, em uma sociedade que prevalece a masculina. Sua personagem busca por uma realização não só profissional e financeira, mas afetiva e emocional. Rita encontra-se em extrema disputa consigo e não mede esforços em recorrer a violência, ação conhecida como masculina. Rinaldo desmitifica essa prática e coloca a mulher na busca ativa pelo seu espaço, por mais que tome evasivamente o do outro.

Analisar os modelos que Rita representa é pensar as várias facetas que podem estar por trás de uma mulher calculista e misteriosa. A personagem feminina Rita nos surpreende a



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

cada página por ela narrada, sempre conquista o leitor e faz com que ele leia todo o livro de uma só vez, não por ser um romance de poucas páginas, mas por inquietar ao ponto do leitor não conseguir parar antes de chegar ao fim.

A personagem Rita consegue prender a atenção do leitor e levá-lo consigo até as últimas linhas do livro, e o que é mais interessante, é que o leitor ao descobrir tudo sobre Rita, sente a necessidade de voltar e lê novamente o livro, e tentar, dessa vez, descobrir algo a mais sobre Rita, pois essa personagem permite outras análises que não seja no campo de suas frustrações e desacordos emocionais.

Rita não representa qualquer mulher vinda de São Paulo para a Paraíba sem estudos. Rita está inserida em um grupo que detém o conhecimento e é a partir dele que ela se insere socialmente, ou seja comunga de prazeres que até o século XIX não era comum às mulheres.

O século XIX para as mulheres configurou-se como um século em que surgiram novos horizontes, os movimentos sociais, o socialismo, o feminino, o movimento sufragista e a tão esperada figura da Nova Mulher. O Brasil os movimentos foram surgindo lentamente, em 1820 já havia jornais que cultivavam as ideias de inspiração liberal, um deles *Sentilena da Liberdade* do Jornalista Cipriano Barata. Neste jornal foi impresso e lançado as ruas os ideais do movimento assinalado por 120 mulheres paraibanas que reivindicavam o direito à liberdade. Essas mulheres não foram reconhecidas, mas entende-se que eram sabedoras das “ideias europeias sobre a posição da mulher na sociedade e de suas reivindicações de igualdade.” (TELLES, 2012, p. 403).

No entanto, esse tipo de movimento ainda não atingia a grande parte da população, pois as mulheres permaneciam excluídas da participação na sociedade, e principalmente do processo de criação cultural, ou seja não tinham a liberdade para escrever suas próprias histórias e também quando apareciam representadas por homem, sua imagem era distorcida. Segundo Telles (2012) “Para poder torna-se criadora, a mulher teria que matar anjo do lar, a doce criatura que segura o espelho de aumento, e teria de enfrentar a sombra, o outro lado do anjo, o monstro da rebeldia e desobediência” (p.408). Isso diante de uma sociedade excludente seria quase impossível, pois vencer os preconceitos imposto socialmente e cultivados por anos, leva um espaço de tempo considerável.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

É somente no final do século XIX, primeiramente na Europa e posteriormente no Brasil que começa a avançar a ideia da Nova Mulher, tanto na literatura como socialmente. Nas páginas da literatura estas novas ideias vinham substituir os modelos de personagens erradicadas que ao longo da história tornaram-se estereótipos. Esse novo modelo, segundo Telles (2012) “vinha tentar substituir as esquisitices da mulher antiga, a solteirona da literatura ou da opinião pública, sexualmente reprimida, sobra da onda matrimonial de sua geração, a velha tia morando às custas de um parente mais abonado e cuidando da casa para ele” (p.432). Esta nova figura passa a criticar o casamento como única opção de vida e a privilegiar as oportunidades profissionais.

Desta forma, considera-se que o lugar que o feminino vem progressivamente conquistando no imaginário social é considerável em virtude que as inovações nas formas de expressões são construídas junto à contemporaneidade, vencendo as barreiras em busca de uma igualdade, pois não deve existir superioridade entre os sexos.

Apesar de todos os conflitos, Rita apresenta-se como uma mulher que escreve, que expressa seus sentimentos por meio da escrita, isso é significativo quando se fala de uma personagem feminina que por trás dela há um autor masculino. Rita conduz a narrativa em primeira pessoa, expressa sua alteridade e registra seus sentimentos:

Cada vez sinto vontade de escrever coisas, impressões, meus contos já venho fazendo, minha mãe fazia os seus, às vezes eram tolos mas ela achava que acertava, sempre. Tentei até pouco escreve um poema. Tive uma ideia boba, pensei em escrever uma pequena história do pet, no barco do Pedro, indo sozinho ali nas águas iluminadas pela lua. (FERNANDES, 2008, p. 23)

Tal fato demonstra respeito por parte do autor em criar personagens femininas. Rita não é apenas uma personagem conduzida por um narrador que decide seu destino, é Rita quem domina o discurso e narra através de monólogo interior, instigada pela calmaria da praia do Pomar, como se estivesse em um fim de tarde tranquilo e com toda liberdade para promover o movimento fragmentário do texto que apresenta íntima relação com sua vida.

O contato de Rita com a escrita não aparece apenas no momento que olhamos como narradora, mas também como uma personagem que era jornalista, “E ele não sabe, o cretino, que já fui jornalista, idiota. ” (FERNANDES, 2008, p. 92) e tem bagagem acadêmica e que



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

realizava revisões de textos. Percebe-se que Rita, apesar de não soltar muitas informações sobre sua vida, aos poucos, pelos detalhes, vamos percebendo que ela configura-se como uma mulher sábia, que conhece a língua, se não fosse assim, não realizava um trabalho tão minucioso que é o de revisão de textos.

Rita não se apresenta como uma mulher passiva, ou seja, apenas observa o que vê, pelo contrário, Rita representa as mulheres que não calam diante das injustiças, que procuram solução para as mazelas do mundo, ou seja, encontra seu lugar na sociedade e se posiciona contra o que lhe incomoda. Isso fica bem claro no trecho abaixo:

Aos domingos eu ia na banca próxima ao parque da Água Branca, pedia dois três jornais, lia todos os articulistas, Brasil, Cotidiano, Ilustrada, tudo. Era. Sempre adorei ler jornal, sempre me interessei por política, mas nunca participei muito, nunca fui de partido... Ah, mas escrevi um artigo pedindo a cassação dos vereadores por atos de i-m-p-r-o-b-i-l-i-d-a-d-e a-d-m-i-n-i-s-t-r-a-t-i-v-a ... hum, teria coragem de pôr tal palavrão num texto? Eu pus ... São Paulo na mão de corruptos, putz, que calor faz! ... (...) pois m interessava por política, sim... ” (FERNANDES, 2008, p. 92 - 93)

Rita tem autonomia e escreve um artigo para um jornal pedindo a cassação dos vereadores, isso é uma atitude corajosa. O silêncio não é solução para Rita. Quanto a esse aspecto, a personagem feminina representa o grupo das mulheres que Simone de Beauvoir (1969) denomina transgressora, ou seja, uma mulher que está inserida socialmente, articulada com assuntos que precisam de certo entendimento para lidar com eles.

O que é positivo na mudança de Rita de São Paulo para a praia do Pomar, é que mesmo não estando próxima do meio acadêmico, a personagem não consegue ficar distante das informações. Procura em jornais e revista informações sobre a sua terra natal. Vejamos esse trecho: “ultimamente, no restaurante, me informo, leio. Jornais e revistas. ” (FERNANDES, 2008, p. 89).

Além das informações sobre sua terra natal, Rita busca também a respeito de outras capitais, necessita estar em contato com algo que lhe faz bem, que lhe deixa superior, e a leitura de jornais provoca esse sentimento:

Manda comprar jornais de São Paulo e do Paraná em João Pessoa. Lê, gosta muito – revistas também. Deixa os jornais na mesa junto ao balcão, folheio quando ele



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

(Márcio) não está por perto(...) Folheio os jornais e me lembro de São Paulo, do tempo da faculdade. Do Leandro, tão bom... Ai, as pessoas, as amigas... E o sacana do André fazendo de conta que ficava com ciúme de mim com o Leandro, ai, ator! (FERNANDES, 2008, p. 91, grifo nosso).

As mulheres conquistaram seu espaço na sociedade e na literatura em virtude de muitas lutas, sendo assim, conseguiram espaços que até então era impossível de ser ocupados por mulheres. No entanto, muitas delas não souberam lidar com as armadilhas da modernidade e perderam sua identidade em meio aos desencontros da sociedade. Por outro lado, Rita representa o grupo de mulheres que por mais que estejam socialmente inseridas, vivem deslocadas, ou seja, os desafios da modernidade causam em certas ocasiões desconfortos que geram tomadas de decisões equivocadas.

Bauman (2005), explica a luta em que Rita se encontra perante os desafios:

“Em nossa época líquido-moderna em que o mundo em nossa volta está repartido em fragmentos mal coordenados, enquanto as nossas existências individuais são fatiadas numa sessão de episódios fragilmente conectados (...) A identidade é de fato, algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço, um objetivo, como uma coisa precisa se construir a partir do zero (BAUMAN, 2005, p. 22 - 23).

Rita representa todas as mulheres que buscam, incessantemente, reinventar sua identidade adequando-se a cada situação. A história de Rita é contada em fragmentos, assim como sua vida se encontra, fatiada, mas que estão interligados por meio de fio condutor, as ações praticadas em São Paulo que voltam a se repetir na Paraíba. Por mais que Rita busque reinventar sua identidade, pois ela é móvel e transitória de acordo com Zinani (2013) ela não consegue.

Rita não admite ficar por baixo, ou seja, não nasceu para ser traída. Tudo que acontece no romance gira em torno das traições. Ela não se conforma com o fato de perder seus homens, o primeiro, André, ex-ladrão, para sua própria mãe e o segundo, Pedro, pescador, para outro homem. Em torno disso os assassinatos vão sendo cometidos por Rita.

E para terminar, destacamos que a vingança conjugal, algo convencionalmente atribuído ao sexo majoritário, o masculino, no romance perde essa força. A figura feminina



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

assume esse papel e desmistifica a questão que a vingança conjugal acontece prioritariamente por parte do homem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura é uma das mais ricas expressões artísticas, que tem o poder de representar a condição humana nas mais variadas realidades sociais. A obra de arte pode contribuir para eliminar os estereótipos discriminatórios e promover igualdade e harmonia entre os sexos, não só os que se apresentam como escritores, mas também os que são representados por meio deles. Desta forma, é justificável a escolha de um autor contemporâneo que aborda questões acerca da condição feminina entre tantos outros temas.

A personagem Rita é construída e apresentada no romance de uma maneira tão eloquente que consegue envolver o leitor até a última página do livro em que acontece a revelação final acerca dela, isso se dá pelos recursos diferenciados que o autor utilizou para construir a personagem. Rinaldo de Fernandes permite que a personagem feminina domine a narrativa e seja a protagonista. Rita apresenta-se como jornalista, revisora de textos. Escreve poemas, contos, relatos e é também por este meio que ela expressa seus sentimentos, isso é significativo quando se fala de uma personagem feminina que por trás dela há um autor masculino

O que tentamos mostrar durante nossa análise é que Rinaldo de Fernandes, assim como outros autores, é capaz de representar, com pertinência, a condição feminina, é capaz de tematizar situações vividas por diferentes mulheres. O escritor é acima de tudo um criador, que se utiliza das palavras para reproduzir uma realidade ou ficcionalizar seus pensamentos. Este também pode fazer com que uma voz masculina tenha a mesma abrangência que uma voz feminina quanto ao tratamento das questões que abordam a condição existencial da mulher. E Fernandes consegue fazer isso no romance *Rita no Pomar* (2008), atribui voz a mulher e permite que esta apareça na narrativa e domine todos os planos.

REFERÊNCIAS



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi e Zygmunt Bauman*. Tradução Carlos Alberto Medeiros – Rio de Janeiro, Zahar, 2005.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo Sexo – A experiência vivida**. 2ª Ed. Difusão Européia do Livro, 1967 - Tradução de Sérgio Milliet

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. 8 ed. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 2000.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações** – 2ª Ed. DIFEL 82 — Difbsao Editorial, S.A., 1990. Tradução de Maria Manuela Garlhado.

DALCASTAGNE, Regina. A personagem feminina na narrativa brasileira dos anos 1990. In: PIRES, Maria Isabel Edom (org). **Formas e dilemas da representação da mulher na literatura contemporânea**. Brasília: Ed. UNB, 2008.

FERNANDES, Rinaldo de. **Rita no Pomar**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008. 104p.

RAGO, Margareth. Ser Mulher no século XXI Ou Carta de Alforria. In: A. VENTURI, Gustavo; RECAMAN, Marisol; OLIVEIRA, Suely (orgs.). **Mulher Brasileira nos espaços Público e Privado**. 1 ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

RICHARD, Nelly. **Intervenções Críticas: arte, cultura, gênero e política**. Tradução de Romulo Monte alto. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

SCHWANTES, Cíntia. Dilemas Da Representação Feminina. Disponível em: **OPSIS** - Revista do NIESC, Vol. 6, 2006.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: PRIORI, Mary Del (org.); PINSKY, Carla Bassanezi (coord. De textos). **História das mulheres no Brasil**. 10. Ed., 1ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2012.

ZINANI, Cacil Jeanine Albert. História da Literatura e Estudos Culturais de Gênero. In: SCHNEIDER, Liane [Et al]. **Mulheres e Literatura**. Cartografias crítico teóricos. Maceió: Ed. UFAL, 2013.

ZOLIN, Lúcia Osana. Questões de gênero e de representação na contemporaneidade. Disponível em: **Letras**, Santa Maria, v. 20, n.41, p. 183-195, jul./dez.2010.

_____. Crítica Feminista. In: ZOLIN, Lúcia Osana; BONNICE, Thomas (orgs.). **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3. Ed. Ver. E ampl. – Maringá: Eduem, 2009.